

RELATÓRIO FINAL
PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CULTURA DE VIZINHANÇA -
IDENTIDADE INDIVIDUAL E VIDA URBANA

Área:	Sociologia
Sub-área:	Antropologia Social
Orientadora:	Profa. Marina Heck
Bolsista:	Gilberto K. Ohara

INTRODUÇÃO

O Muro da Vida Privada.

O comportamento da sociedade humana vem passando por diversas alterações, na mescla de valores intrínsecos à sua dinâmica e ao mesmo tempo, influenciadas pelo ambiente externo. Se olharmos por uma macro-perspectiva, veremos que a família, como núcleo central do meio social, e as cidades e seus bairros, como bases de convivência, perderam suas definições originais e acabaram por interagir de forma difusa no cerne das esferas pública e privada.

O modo de vida urbano formatou a família à sua própria imagem. O espelho de sociedades dos séculos mais recentes refletiam a família como uma entidade cultural única e indivisível, na qual cada membro era cercado por disciplina e funções a eles comuns, seja a criança, a esposa ou o pai. De um modo geral, a exiguidade do espaço obrigava as pessoas a considerarem a casa como um abrigo físico, já que a vida por si era vivida no ambiente externo, nas ruas, nas praças, nos bairros. A porta não encerrava a vida familiar mas sim, representava o corredor de prolongamento da vida privada, onde as mulheres e crianças desempenhavam suas atividades sociais enquanto os homens trabalhavam. Ao seu retorno, findo o dia, a figura familiar novamente ganhava consistência, e a esfera privada era melhor delineada.

Paralelamente ao desenvolvimento do círculo urbano, um processo de civilização de hábitos e costumes ganhou forma social, limitando os perímetros de comportamento no espaço público. Apesar de estarmos nos referindo a uma realidade urbana mais recente, o conceito de *civilité* é antigo e ainda anterior ao tratado de Erasmo de Rotterdam, *De Civilitate Morum Puerilium*, 1530, uma iniciativa de documentar a formação de costumes. A censura social passa a ter uma onipresença fundamental na vida das pessoas, avariando a liberdade individual para sempre. É desta forma que o contexto da vida privada é afetado pelo advento da urbanização acelerada e pelo crescimento desenfreado do contingente populacional dentro das cidades.

A Urbanização e seus Aspectos Físicos.

“A porta e a janela, locais de observação privilegiados, assinalam a fronteira do espaço reservado ao interior familiar, mas aberto para a rua, campo intermediário semi-privatizado para as necessidades das tarefas cotidianas”.

(In O Público e o Particular, Nicole Castan)

A formação original dos chamados bairros antigos constituíam o cenário perfeito para a proliferação da cultura de convívio por parte dos membros que participavam de seu cotidiano. Os bares, as vilas e suas vielas, e vários outros espaços que compunham o ambiente de transição das esferas pública e privada, aglutinavam homens que se conheciam por simples convivência e famílias que na exposição de seus hábitos e costumes estipulavam uma abertura e, ao mesmo tempo censura, que os tornava uma massa social rica em seus costumes e homogênea em seu aspecto exterior.

O olhar social do *Panopticon* de Michel Foucault é o vigia e o vigiado, dentro do universo de vizinhança, marcado pela transparência. Em termos subjetivos, não se trata de um estigma semelhante ao 1984 de George Orwell, pois a repressão se faz ausente. A vida privada porém, está inserindo uma ponta à esfera pública e, certamente este fato causa constrangimento aos membros do corpo social, que perdem suas liberdades de ação mediante um código de conduta comum.

A urbanização acelerada causou uma ruptura desta harmonia entre o público e o privado. A planificação moderna e a nova disposição física das cidades em face do urbanismo desenfreado acabou por desfigurar a estrutura dos espaços de convívio. As formas arquitetônicas e o traçado divergente das linhas de fluxo tornaram as ruas um corredor de passagem, eliminando o encontro fortuito e a sensação de vagar pelo espaço público. Perambular é praticamente proibitivo, no sentido de que há uma massa social a atropelar as antigas práticas de sociabilidade. A modernidade tende a incitar o cumprimento à distância, a palavra única e o andar contínuo. O carro, principal usuário destas vias de locomoção faz parte portanto, de um espaço particular que propicia uma liberdade de movimento, uma falsa liberdade que transcende o significado de meio de locomoção para o de virtual meio de isolamento.

Segundo Roberto da Matta em *A casa & a rua*, o ambiente externo representado pela rua é marcado cada vez mais pelo anonimato, onde o homem é considerado um subcidadão. A modernização e a planificação das cidades transferiu os espaços de convívio originais, forçando a existência de uma sociabilidade reconstituída em espaços implacavelmente públicos, como parques, supermercados e shopping centers por exemplo, que excluem dos bairros a cultura de vizinhança.

O novo formato dos bairros é composto por edifícios e conjuntos habitacionais, modificando as relações sociais entre as pessoas. Os elevadores não são ruas verticais e os apartamentos são ramificações idênticas que se

confundem, não permitindo a dispersão das variantes particulares. Não se sabe muito sobre os vizinhos, e a imagem parece ter sido substituída por singelos contatos auditivos, os ruídos da sociabilidade.

O Modo de Vida Urbano e o Modo *Village*.

A evolução dos costumes da sociedade moderna se faz inerente ao processo urbanizador. A família adquiriu novos rumos impostos pelas novas condutas sociais, deixando de ser uma unidade centrada, e dissipando seus valores às várias novas famílias que se formam de um núcleo básico. Não significa porém que o advento do individualismo se sobreponha à unidade familiar. Novos modelos são formados mais acessíveis aos desejos, menos às regras sociais estipuladas em épocas anteriores.

“O que eles desejam é conciliar as vantagens da solidariedade familiar e as da liberdade individual”. (*in* O Nó e o Ninho, Michelle Perrot)

Em contraposição ao modo de vida urbano, dinâmico em sua evolução e complexo pelo processamento de informações, bombardeadas pela moda e pela mídia, e infiltradas nos lares das novas famílias e seus hábitos, existe o modo de vida de vilarejo, ou *village*, onde a sociabilidade se mantém arraigada a valores intrínsecos à relação humana, e onde os aspectos físicos que circundam a esfera de convívio têm maiores dificuldades em penetrar a vida pública.

O conceito do *panopticon* está difundido de forma aceita pelos membros de uma sociedade de costumes abertos, na qual as portas dos lares ficam abertas e à mercê da penetração externa. As zonas de convivência dispensam demarcações e o grau de intensidade da vida coletiva é em si, praticamente pleno.

Dentro desta transição da antiga harmonia entre o público e o privado, foi possível perceber como cada uma das esferas desempenhou seu papel na evolução da sociedade urbana. Se a urbanização quebrou os antigos ritos sociais, planificando espaços e impondo novas condições ao homem, este por sua vez adaptou-se aos novos espaços de convívio através da evolução de sua cultura e costumes em busca de uma sociedade descontraída. Surge o homem urbano, reivindicando sua privacidade e ao mesmo tempo expandindo as redes de comunicação com os outros homens, respeitando as particularidades e portanto, transformando seus antigos códigos de conduta à margem da rotatividade social. A tênue fronteira entre o público e o privado está em constante reformulação, na medida em que novos equilíbrios são estabelecidos

e a articulação entre as esferas depende das incertezas que permeiam os indivíduos e suas concepções de mundo.

As transformações comportamentais que são tão naturais na vida urbana têm em contrapartida um *village way*. O que se propõe aqui é uma analogia que nos propicie identificar a remanescência deste tipo de sociabilidade aos valores modernos de vida, observando a imposição de aspectos físicos extrínsecos a esta relação, de avanço da esfera privada sobre a esfera pública.

METODOLOGIA

As perspectivas metodológicas apresentadas pela antropologia das sociedades contemporâneas procuram desenvolver instrumentais de pesquisa capazes de captar o conflito, a contradição, a variação e o fluxo social, através de um enfoque que privilegia o estudo microscópico dos assim chamados interstícios sociais. Os métodos científicos usados pelo sociólogo implicam em alguns valores específicos que são peculiares a essa disciplina. Um deles é a atenção meticulosa às configurações estatísticas e às normas concretas que cercam os objetos de investigação científica. Outro valor estabelecido se faz inerente à necessidade que o sociólogo sente de ouvir sem apresentar suas próprias opiniões. Finalmente, existe a responsabilidade que o sociólogo tem de avaliar suas conclusões sem referência a seus próprios valores.

No que se refere ao homem e seu contato com a sociedade, a evolução urbana imprime uma ampliação dos canais de comunicação, diminuindo o nível de isolamento neste ambiente em transformação. A educação do homem para esta nova realidade ganha espaço, tendo como resposta imediata a maior liberdade entre os indivíduos, e a referência de imagens-guia por parte da sociedade, isto é, imagens sociais a moldar a personalidade destes componentes da estrutura social.

Chombart de Lauwe considera quatro setores de observação indispensáveis no estudo da evolução urbana. A *ecologia urbana* compreende o estudo da distribuição social e profissional, bem como aspectos da migração e da composição dos bairros; as *estruturas sociais* compreendem o estudo dos grupos representativos e sua evolução, em monografias habituais; os *estudos psicossociológicos* podem ser feitos por amostragem de comportamento e relação dos membros sociais; o *estudo de imagens e modelos* é mais amplo e deve ser melhor organizado, pois na tentativa de ligar as investigações de campo às pesquisas de análise de conteúdo, há muitos aspectos abordados em contextos culturais diferentes, tornando a flexibilidade uma característica de trabalho indispensável.

Para Robert Ezra Park (*in* O Fenômeno Urbano, Otávio G. Velho), o problema central do sociólogo da cidade é descobrir as formas de ação e organização social que emergem em agrupamentos compactos, relativamente permanentes, de grande número de indivíduos heterogêneos. Assim, quanto mais densamente habitada, quanto mais heterogênea for a comunidade, tanto mais acentuadas serão as características associadas ao urbanismo. O aumento do número de habitantes de uma comunidade acima de certo limite afetará as

relações entre eles e o caráter da cidade. O superficialismo, o anonimato, e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade.

A planta da cidade estabelece metas e limites, fixa de maneira geral a localização e o caráter das construções da cidade, e impõe aos edifícios levantados pela iniciativa privada bem como pela autoridade pública uma arrumação ordenada dentro da área citadina. A proximidade e o contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida cotidiana. É importante saber quais são as forças que tendem a dissolver as tensões, os interesses e os sentimentos que conferem às vizinhanças seu caráter individual. No meio citadino, a vizinhança tende a perder muito da significância que possui em formas de sociedade mais simples e primitivas. A facilidade de viver ao mesmo tempo vários mundos diferentes tende a destruir a permanência e a intimidade da vizinhança.

Se por um lado o rigor científico é ameaçado pela experiência antropológica em si, através de uma observação fundamentada em base participativa, o pesquisador deve ser enfatizado como agente ativo no campo de atuação, evitando o caráter passivo que mantém uma distância de indiferença para o significado da abordagem. Concorde-se aqui portanto, com a posição de Ruth Cardoso (*in* Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método), que exalta a relação entre entrevistador e entrevistado, onde o ambiente de acúmulo qualitativo de informações é rico em detalhes e possibilidades de renovação de perspectivas de análise. Trata-se de um momento de aprendizado bilateral que ultrapassa o mecanicismo normativo e alcança a incorporação de outras variáveis interpretativas da pesquisa.

Dentro de várias localidades pré-selecionadas (em anexo) e visitadas para uma observação superficial das potencialidades de trabalho, a amostra sofreu uma seleção de locais que pudessem vir a confirmar as suposições propostas no trabalho. Foi elaborado um *check list* de observação (em anexo) para a primeira no intuito de colher impressões iniciais da cultura de vizinhança e de seus valores, na medida em que fossem passíveis de apreensão visual. A composição de elementos deste *check list* foi baseada na suposta disposição dos espaços de convívio locais, considerando-se que no contexto desta visita portanto, seria evitado um maior contato com os moradores.

A composição do *check list* levou em consideração aspectos físicos fundamentais para tentar estabelecer um contato inicial com o tipo de

comportamento social de cada local. As fachadas das casas podem conter, por exemplo, uma conotação singular em seus adereços e preocupações, demonstrando o estado de espírito do morador em relação ao ambiente externo. As vias de acesso podem conter um fluxo característico para cada segmento geográfico, modificando a estrutura das relações sociais. E as próprias pessoas que transitam ou habitam a localidade ostentam aparências distintas que expõem ao contato público. Além da relação de localidades escolhidas e do *check list* de observação, o questionário aplicado, fotos e mapas ilustrativos seguem em anexo.

Avaliação de Campo.

Rua Pedro Vila Lobos Martin, Vila Maria. Trata-se de uma rua projetada para abrigar sobrados de pequeno porte construídos pela antiga Cia. Paulista. Como em uma tradicional vila operária, os conjugados possuem arquitetura original idêntica e uma disposição uniforme ao longo da rua, em ambos os lados. Entretanto, a heterogeneidade de fachadas é espantosa.

Através de pequenas reformas nas entradas, forros, paredes e calçadas, as casas demonstram sinais nítidos de uma cultura própria de cada residência daquela localidade, que se insere num todo que supostamente abrange seus estilos de vida e cotidiano. Apesar da simplicidade das casas estar camufladas por adereços de todos os tipos, percebe-se a presença de grades e cortinas que protegem seus respectivos lares, lajes superiores que mostram sinais de utilização de mais um andar superior, e reformas que possivelmente indiquem um profundo apreço pelo local e uma necessidade de exibir o estágio social pretendido por cada um.

As entrevistas como um todo, demonstram uma clara satisfação por morarem nesta rua, pois é uma rua de fluxo morto, isto é, por não possuir saída o fluxo é limitado por transeuntes e veículos locais. Duas escadarias desembocam na via, mas o movimento de passagem é relativo. A proximidade marca as relações sociais e qualquer destaque é acompanhado por todos. É um exemplo típico de como a inserção física, em termos de arquitetura e planificação das casas, influencia os graus de sociabilidade entre a vizinhança. Os moradores investem na reforma de seus lares, com o intuito de permanecer neste ambiente. As crianças podem brincar à vontade, vão juntas à escola, e as famílias têm facilidades de comércio nos arredores. Há uma contribuição muito grande dos espaços de convívio para o estabelecimento de canais de comunicação sadios entre as pessoas.

Rua dos Sitiantes. No seu início, sua forma é estreita, sinuosa e em aclave, com calçamento de paralelepípedos, ao contrário das ruas vizinhas. Neste quarteirão as casas seguem um mesmo padrão de construção embora não sejam iguais, os muros baixos permitem um controle e facilitam um relacionamento entre vizinhos. As plantas de uma casa invadem a vizinha, e o espaço público, fato este que insinua uma homeogeneidade no quarteirão. Terminada a subida, a Rua dos Sitiantes muda de configuração e assim continua por muitos quarteirões. Passa a ser asfaltada, mais larga e reta e as construções apresentam fachadas reformadas e com adornos em serralheria e gesso.

Exatamente nesta fronteira encontra-se um Bar/Mercearia que curiosamente construiu um terraço fechado por uma baixa mureta em tijolos se apropriando da calçada, onde dispõe mesas e cadeiras. Este "terraço" por sua vez integrou ao seu interior o telefonico público (orelhão), portanto as pessoas que quiserem se utilizar do orelhão entram no bar; por outro lado a dona do bar atende os chamados do orelhão e dá recados aos moradores. O movimento do bar não se restringe ao comércio, e sua função social é muito mais eficaz que qualquer espaço público, como a praça por exemplo. Aliás o comércio em si não é intenso neste bar pois os moradores somente compram os produtos para suprir emergências ou simples vontades (chocolates e refrigerantes).

As entrevistas realizadas no segmento designado nesta rua, de um modo geral, convergem para a insatisfação dos moradores com a penetração de elementos estranhos à comunidade. A quadra de esportes não funciona como referência social, mas como origem de desavenças entre as pessoas. A falta de interesse coletivo é marcada pelo silêncio e ausência de manifestação. Enquanto surgem construções aos redores da rua, a sociabilidade parece estar à margem dos fatos, escondida pelo fluxo cada vez maior imposto pela urbanização. A rua de lazer, como foi estabelecida para domingos e feriados não é respeitada, assim como o toque de recolher informal é frequentemente esquecido. As pessoas acabam por se fechar em seus lares, dispensando a sociabilidade, cada vez mais sem sentido.

CONCLUSÃO

Há uma distinção crescente e significativa entre o modo de vida urbano e o modo *village*. As variantes extrínsecas à relação social humana propriamente dita impõem características outras aos níveis de sociabilidade. Enquanto o fluxo urbano toma conta das últimas áreas de convívio, a segurança e a aparência ocupam um espaço maior nos costumes e hábitos da sociedade. A tendência pela reclusão domiciliar está portanto, totalmente atrelada aos aspectos físicos que permeiam a transição das esferas pública e privada.

Historicamente a rua teve um papel de extrema relevância no desenrolar das atividades sociais humanas, pois era uma área de convergência de informações, anseios e discussões sobre o cotidiano. A transparência era um marco nos relacionamentos e a sociabilidade era desenvolvida plenamente. Atualmente, ocorre uma inversão na concepção de rua, empurrando as pessoas para o interior de suas vidas privadas, representadas por seus lares, enquanto o ambiente funcional se apodera das qualidades e funções das agora chamadas vias de fluxo. E a esfera pública se vê atropelada pelo individualismo sobre rodas.

Os valores que foram excluídos do ambiente externo não desaparecem por inteiro. Apenas tomam nova forma nos interiores das casas, que na verdade vão perdendo a condição de lares em virtude do ritmo alucinado da urbanização, onde o trabalho consome a vida familiar e destina os fins de noite e de semana para um convívio bem diferente do ideal. Esses valores que ficam são inerentes ao tipo de classe social. Para Alba Zaluar (*in* A Máquina e a Revolta), os traços marcantes de identidade são conquistados num espaço comum de vizinhança, onde formas de solidariedade, sentimentos e comunidade são constituídos. Estabelece-se a dicotomia entre “nós” e “eles”, responsável pela manutenção de hábitos e costumes de grupo, que em ambiente particular tomam formatos respectivos a cada um. Em *The Uses of Literacy*, traduzido para o francês como “A Cultura do Pobre”, Richard Hoggart salienta a importância destes valores remanescentes à chamada *working class* inglesa, de geração em geração, não importando as possíveis ascensões sociais, que denotam uma identidade cultural capaz de abranger as esferas de relação entre pessoas e anseios comuns. Hoggart completa: “A área local é o principal centro de referência e o palco de suas relações sociais mais fortes e duradouras”.

Neste contexto torna-se passível de comparação a distinção que se faz entre os perímetros de análise. Enquanto a RUA PEDRO VILA LOPES MARTIN

assume uma imagem social de *village*, em função de suas características físicas, na Rua dos Sitiantes a inversão de valores é nítida.

A primeira, embora heterogênea em suas fachadas, demonstra o apreço pelas condições de vida locais, representado pelos investimentos em reformas e nos círculos de conversa que se formam entre jovens e adultos. Esta condição de homogênea é assegurada pela planificação física da rua, que favorece a intensificação dos graus de sociabilidade.

A segunda é divergente em seus valores. Ameaçados por fatores externos, preferem a omissão à coletividade de interesses, tornando a vida na rua impraticável. O próprio fluxo de passagem, indevido por ser área de lazer, obriga crianças a estarem do lado interno dos portões e grades. A quadra, ao invés de fomentar a sociabilidade passa a ser um local de repulsa por parte das pessoas, pela invasão de elementos estranhos à comunidade. O orelhão, como referencial de apropriação de bem público a um espaço particular, não representa instrumento de força social significativa. Enquanto as pessoas erguem muros, as crianças permanecem isoladas por portões e a senhora ouve ópera em máximo volume, a esfera da vida privada força à reclusão de seus respectivos lares.

Pode a urbanização acelerada consumir os espaços de transição das esferas pública e particular? Enquanto algumas ruas estão protegidas por bolsões residenciais, e assim a qualidade de vida e sociabilidade de seus moradores, outras ruas tornam-se vítimas das áreas de expansão urbana, implacáveis e absolutas, encerrando os resquícios sociais ao interior dos lares, que ainda o sejam, onde as famílias procuram seus respectivos espaços.

Então veremos a proliferação de serviços à domicílio abrangendo todas as necessidades externas, a segurança do lar prevalecendo sobre os riscos da permanência no ambiente de rua, e a tendência pela transformação da sociabilidade em sua real definição possivelmente concretizada, sendo transferida e reconstituída em localidades inusitadas ou planejadas para tal função. Ao olharmos o passado podemos constatar estas mudanças nas condições sociais, que impulsionam o homem a diferentes conquistas e perdas. Um novo equilíbrio certamente está sendo ajustado, mas enquanto isto ocorre, a transição entre o público e o privado se mantém em uma tênue sobrevivência, aguardando novas imposições de nossa dialética social.

Bibliografia.

ARIÈS, Philippe & DUBY, George (Organiz.). História da Vida Privada - 5 volumes. 1991, Companhia das Letras.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 1981, Ed. Guanabara.

BERGER, Peter L. Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis, Vozes, 1986, 12ª ed.

CARDOSO, Ruth C.L. As Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método.

CASTAN, Nicole. O Público e o Particular.

CHOMBART DE LAUWE, P.H. A Organização Social no Meio Urbano. in: VELHO, Guilherme Otávio (org). O Fenômeno Urbano. 1987, Editora Guanabara, 4ª edição.

DA MATTA, Roberto. A casa & a rua. 4ª ed. Ed. Guanabara.

DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo ou Como Ter "Anthropological Blues".

ELIAS, Norbert. O Processo civilizador. 2ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1994 (Introdução).

EZRA PARK, Robert. A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento humano no Meio Urbano. in: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O Fenômeno Urbano. 4ª ed. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 1979, Graal.

HOGGART, Richard. The Uses of Literacy. 1973, Penguin.

Issues in Participant Observation - A text and reader. Edited by McCall - Simmons. Addison Wesley, 1969.

ANEXOS

PERROT, Michelle. O Nó e o Ninho.

RODRIGUES, Arackey Martins. Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo. São Paulo, Símbolo, 1978.

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público - as tiranias da intimidade. 1993, Companhia das Letras.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. in: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O Fenômeno Urbano. 4ª ed. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

ZALUAR, Alba. A Máquina e a Revolta. 1994, Brasiliense.

Roteiro de Localidades.

Vila Maria

Rua Pedro Vila Lobos Martin

Rua Santa Veridiana

Praça Cianorte (com Avenida Estevam Mélio)

Vila Guilherme

Rua das Palmas

Freguesia do Ó

Rua dos Sitiantes

Praça Berthier Bento Alves

Móoca

Rua dos Bancários

Rua Marcelo Homem de Mello (com Rua Francisco Gouvêa)

Rua Henrique Dantas

Alto da Móoca

Vila Matilde

Praça Baixa do Riachão

Brás

Rua Venâncio - Travessa Sílvio

Check List de Observação.

MORADIA

A. aspectos gerais

A1. fachada (muros, portões, grades, quintais, garagens, cadeado, jardim, adereços)

A2. como são explorados os espaços - privativo e público

A3. estado de conservação (pintura, cuidado com o jardim, fachada)

A4. uniformidade - classificação das casas

A5. reformas ou novas construções - indicador de mudanças

A6. presença de cortiços

ACESSOS

B. aspectos gerais das ruas (buracos, valetas, lombadas)

B1. contexto dentro do espaço (rua sem saída, passagem, uso)

- B2. observação do trânsito (carros, pedestres, outros)
- B3. quem está nas ruas, quando e porque.
- B4. penetração do comércio e serviços - que tipo (personalizado, impessoal)
- B5. espaços que facilitam a sociabilidade - pontos de encontro (religioso, lazer)
- B6. sociabilidade organizada

PESSOAS

C. aspectos gerais

- C1. tipos de (aparências)
- C2. faixa etária e sexo
- C3. como se comportam
- C4. como se comunicam
- C5. tempo de moradia no bairro

URBANIZAÇÃO

D. aspectos gerais

- D1. disposição física
- D2. contexto do bairro dentro da cidade

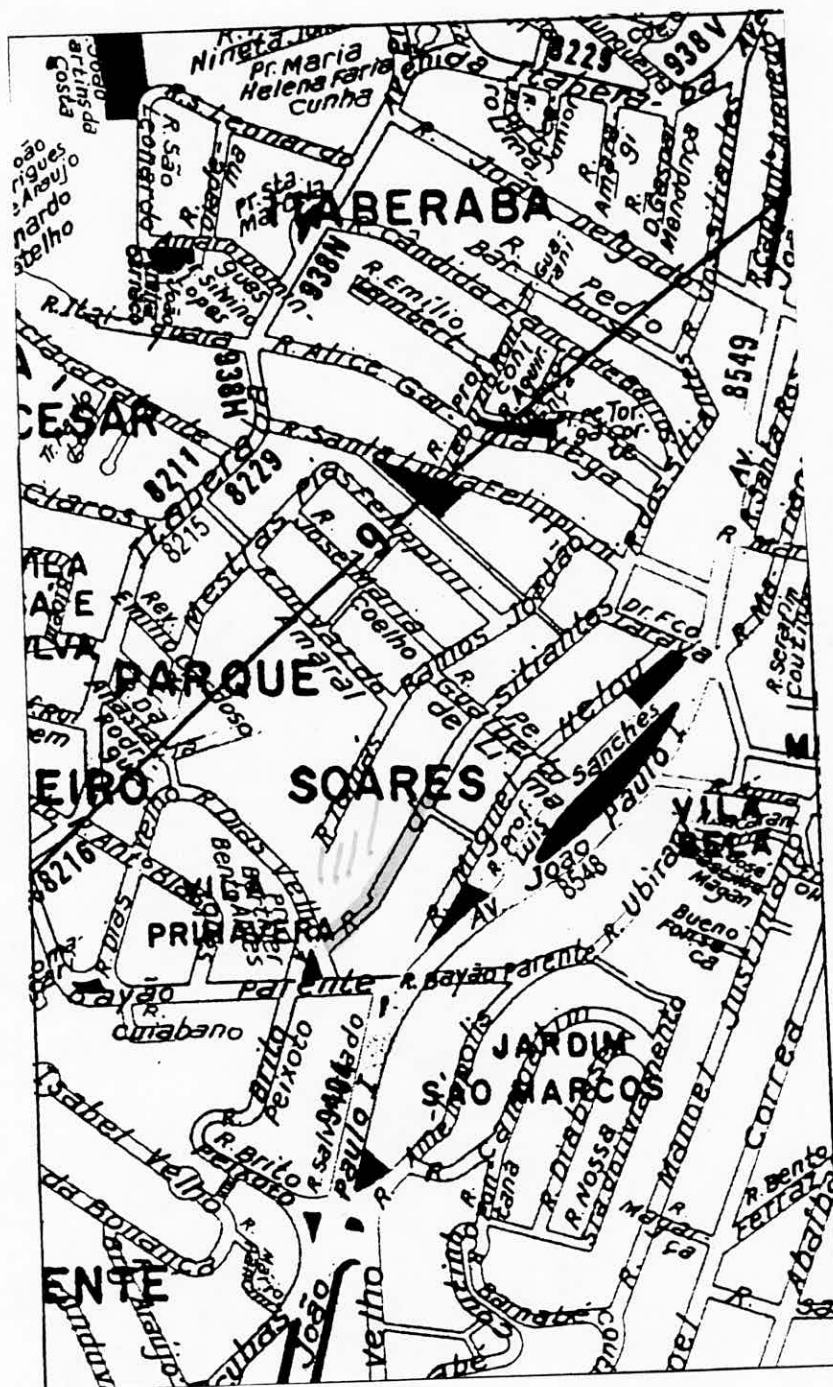
Roteiro de questionário base.

1. Há quanto tempo o (a) senhor (a) mora na rua / bairro?
2. De onde veio?
3. Quais as diferenças básicas, e a preferência?
4. Como é morar aqui, a convivência com os vizinhos?
5. O que o (a) senhor (a) gosta de fazer no tempo livre?
6. Quais as perspectivas de continuar aqui?

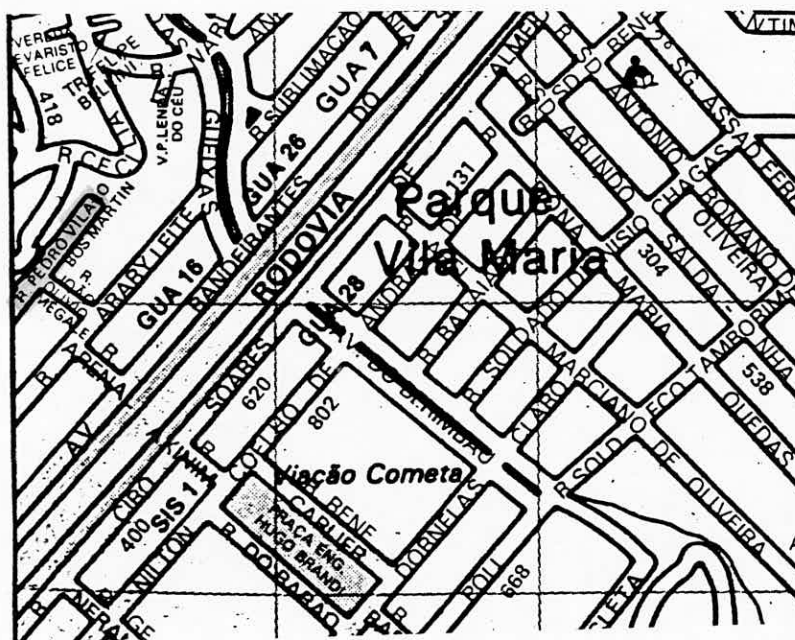
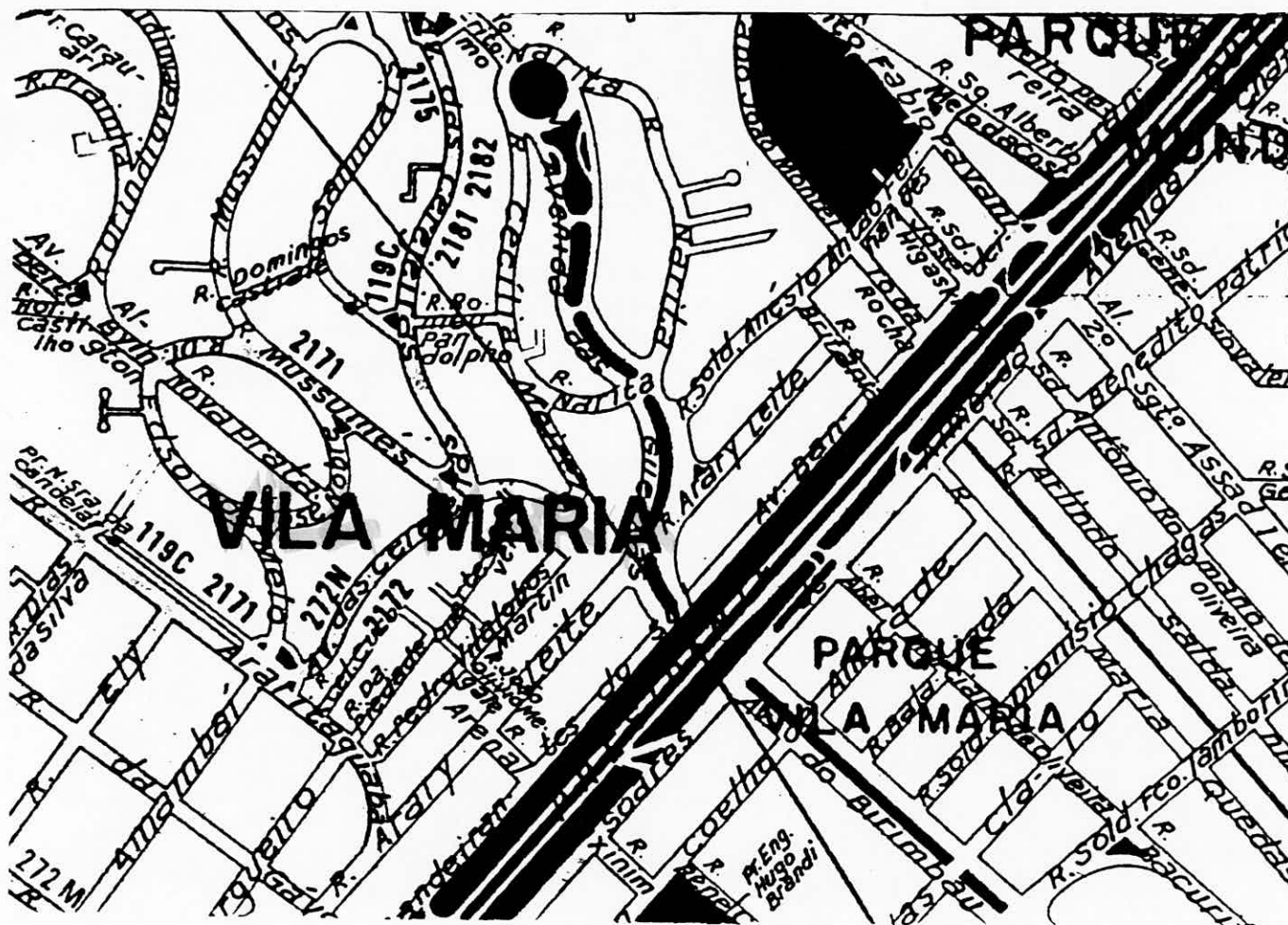
É importante ressaltar a flexibilidade e informalidade do questionário, já que muitas perguntas foram ajustadas às circunstâncias, às observações imediatas dos entrevistadores. Os assuntos foram se estendendo em tópicos e em profundidade, revelando reações e atitudes dos entrevistados ao decorrer de uma conversa aberta e sem uma abordagem fixa.

Localidade: Praça Berthier Bento Alves
Rua dos Sitiantes

Localidade: Praça Berthier Bento Alves
Rua dos Sitiantes



Localidade: Rua Pedro Villalobos Martins



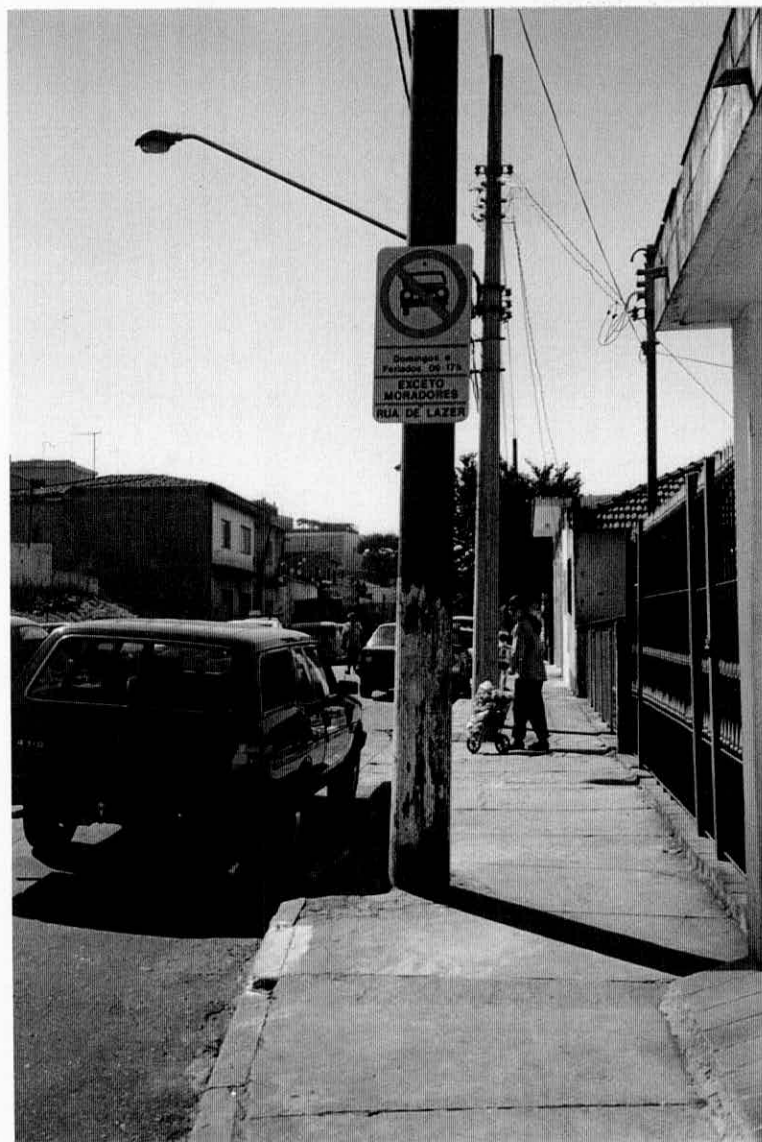
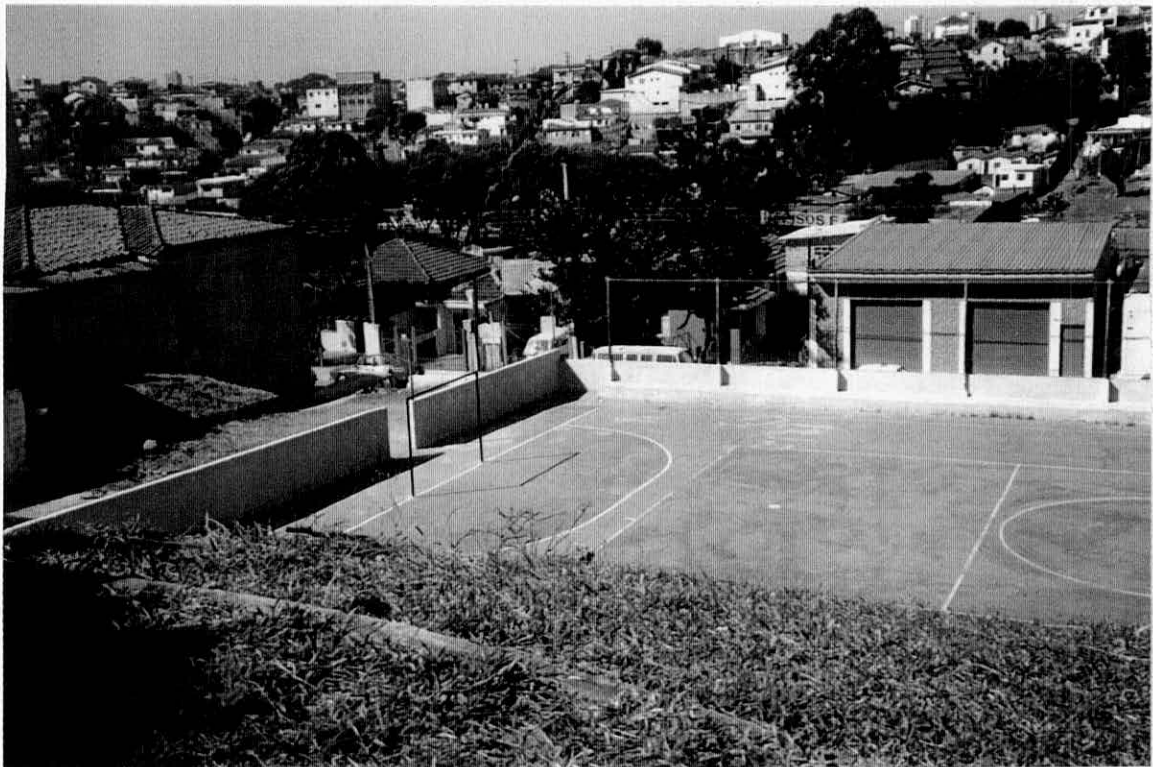
Rua dos Sítiantes.



Rua dos Sitiantes.



Rua dos Sitiantes.



Rua Pedro Vila Lobos Martin.



Rua Pedro Vila Lobos Martin.



ENTREVISTAS REALIZADAS NO DIA 07 DE JUNHO DE 1995

Rua dos Sitiantes.

Dona Yoshiko - 51 anos

- *Há quanto tempo mora nesta rua?*

Faz uns 36 anos.

- *A senhora veio de onde?*

Eu vim da Vila Brasilândia.

- *Quais as diferenças que a senhora encontrou, prefere lá?*

Prefiro aqui, porque todo mundo me cumprimenta. Acho que eu já me acostumei, sabe, quando você mora muito tempo em um mesmo lugar acaba gostando mais dele.

- *Como é a relação entre os vizinhos, são amigos?*

Amigos até certo ponto. Eu não convido ninguém para entrar em casa e nunca entro na casa dos outros, não gosto destas coisas. Acho que é só de conversa pela rua, bom dia, essas coisas. Mas todos eles parecem ser legais.

- *A senhora acha que tem tudo por aqui, o que faz no tempo livre?*

Ah, a gente nunca acha nada perto. A padaria é longe, a farmácia é longe, tudo o que precisa comprar tem que ir na Av. Itaberaba. Ou na Lapa. Só a feira que é pertinho. Mas eu gosto de bater perna, ir para a Lapa, para mais longe.

- *Quando a senhora vai na feira ou passear, vai com quem?*

Vou sozinha mesmo, para ter liberdade. Senão já ficam opinando em cada compra, eu não gosto.

Sr. Jurandir - 47 anos

- *Há quanto tempo mora nesta rua?*

Há 9 anos. A casa é da firma.

- *O senhor veio de onde?*

Eu vim da Vila Matilde.

- *Quais as diferenças que o senhor encontrou, prefere lá?*

Muito mais. Lá eu tinha vários amigos, o clima era melhor. Aqui as pessoas não têm amizade, fazem barulho, é muito diferente.

- *Como é a relação entre os vizinhos, são amigos?*

Não, eu só cumprimento de passagem, quando fico na janela ou passo por alguém conhecido.

- *Tem escola aqui perto, seus filhos vão junto com colegas?*

Tem uma lá em cima, mas minha filha vai sozinha, a pé mesmo.

- *O senhor acha que tem tudo por aqui, o que faz no tempo livre?*

Eu vou para outros lados, vou para a Lapa, Limão, agora mesmo minha esposa e minhas filhas foram para lá fazer umas compras.

- *O que o senhor não gosta aqui, e a quadra por exemplo?*

Ah, a quadra não serve pra nada. O pessoal briga muito, xinga, não tem respeito pela hora. Antigamente tinha uns baloeiros que perturbavam muito a gente. Hoje tem os carros também, e tem um pessoal aí da quadra que não é gente de bem, fuma, bebe, é má influência.

- *O senhor gostaria de mudar?*

Puxa, claro. Eu se pudesse voltava lá pra Vila Matilde. Lá o clima era bom.

Sr. Ademir - Dono do Bar

- *Há quanto tempo mora nesta rua?*

Eu não moro aqui, sou lá do Piqueri. Tenho este bar há um ano.

- *O que o senhor acha da vizinhança?*

Mais ou menos. Tem gente legal e gente chata. Na quadra por exemplo, tem maconheiro, fazem muita bagunça, mas é gente de fora. Isso é que é ruim.

- *E o orelhão que tem aqui no bar, faz as pessoas entrarem?*

Mais ou menos. Já tem um pessoal que pede para ligar e eu dou ficha. Depois a gente bate papo, eles pagam a ficha, tomam alguma coisa. Este é um lado bom.

D. Lígia - 32 anos

- *Há quanto tempo mora nesta rua?*

Desde que eu nasci, ali no 427, onde mora minha mãe. Então são uns 32 anos.

- *Como é a relação entre os vizinhos, são amigos?*

Olha, eu conheço todo mundo, mas não dá para fazer amizades. Talvez eu que seja diferente, mas aqui ninguém se preocupa com o bem-estar das vizinhança.

- *A senhora diz isso por que?*

Essa quadra veio porque os bicheiros quiseram. Tem um pessoal de fora que vai se infiltrando e ameaçando, e ninguém tem coragem de chamar a

polícia. Antes eram os baloeiros, que faziam barulho até tarde e depois vinham pegar balão na sua telha. Poxa, como vou me sentir segura com uns moleques no meu telhado...Agora são esses maus elementos, tudo de fora, vem fumar maconha, tem drogas. Essa quadra não foi iniciativa da prefeitura. Não há nada educativo, nem playground tem.

- *A senhora mudaria então?*

Eu não tenho dúvidas. Já estou procurando outro lugar, na Lapa, perto do trabalho. Eu só vou acabar a reforma e vender a casa. A gente fica um pouco por causa das origens, né. Minha mãe ainda mora na mesma casa. Quando aqui era mato, por isso que chama Sitiantes, era tudo chácaras, sítios.

- *A senhora acha que tem tudo por aqui, o que faz no tempo livre?*

As coisas boas estão longe, dá pra ficar satisfeita? Prefiro até ficar em casa vendo tv. Aqui o pessoal fica em silêncio, ninguém fala nada. Ninguém chama a polícia, faz abaixo-assinado, reclama. É a lei do mais forte. Então não há respeito, todos ficam assistindo esses caras fazerem o que bem entendem. A rua de lazer por exemplo, devia fechar aos domingos. Mas não, continua passando carro. Então minhas filhas não brincam na rua. Se elas se acostumarem a brincar em um lugar sem carro, como vai ser se tiver um monte? Não se tem noção de respeito.

- *Quando a senhora vai na feira ou passear, vai com quem?*

A feira é aqui em frente. Eu passo o dia inteiro no trabalho e faço as compras por lá. Se eu fizer a feira não dura. Prefiro comprar só o essencial. Mas nas hora vagas eu gosto de ir ao shopping, passear num parque, mudar de rotina.

- *Vejo algumas construções, a senhora acha que vai valorizar?*

Olha, tem gente que gosta daqui e então melhora as casas. Aquele prédio vai trazer um monte de gente nova. Como você disse, em termos de sociabilidade vai piorar. Muita gente que vem morar porque é barato, mas não tem raízes no bairro. Está ficando um lugar de conveniência. Em uns dois anos, a rua de lazer já vai ter sumido. O fluxo de carros só aumenta e a rua vai ficar estreita demais. Quem sofre são as crianças e a gente, por causa do barulho. Tomara que valorize e eu possa vender essa casa por um preço legal. A gente que é de classe C menos ou D, sei lá, tem menos alternativas. É capaz até de eu ficar.

D. Maria Aparecida - 63 anos

- *Há quanto tempo mora nesta rua?*

Moro faz 35 anos.

- *A senhora veio de onde?*

Eu vim da Vila das Palmeiras.

- *Quais as diferenças que a senhora encontrou, prefere lá?*

Aqui é melhor, tenho paz de espírito, posso ouvir minha ópera bem alto.

- *Como é a relação entre os vizinhos, são amigos?*

Tenho muitas amigas, são solícitas. Quando alguém precisa de alguma coisa, a gente se ajuda. Eu tenho pena das crianças, que não brincam mais juntas na rua. Aí a amizade fica difícil.

- *A senhora acha que tem tudo por aqui, o que faz no tempo livre?*

Não, eu fico por aqui mesmo. Às vezes têm uns maus elementos de fora do bairro. Mas está melhorando.

- *Quando a senhora vai na feira ou passear, vai com quem?*

Vou com meu filho, de carro. A feira da para ir a pé, é perto. Mas já estou ficando cansada. Prefiro ficar sentada aqui na varanda, ouvindo minhas óperas italianas.

ENTREVISTAS REALIZADAS NO DIA 11/04/95 - PERÍODO DA MANHÃ
RUA PEDRO VILALOBOS MARTIN - VILA MARIA

As pessoas foram abordadas na rua, em frente às suas casas.

Márcia Barbarini Sierra - 37 anos

Moradora da casa 151

- *Há quanto tempo a senhora mora no bairro? Nesta rua?*

Há 10 anos.

- *A senhora veio da onde? É de São Paulo mesmo?*

De São Paulo.

- *Mora com quem?*

Com meu marido e meus filhos. Três filhos.

- *Como é morar aqui? Relação com os vizinhos, é sossegado?*

É bom, super bom. Porque as casas aqui são bastante juntas então o pessoal se conhece, fica bom. Se tem gente estranha, o pessoal fica de olho, ajuda, todo mundo se conhece. Apesar da rua ser cumprida, você vê sempre as mesmas pessoas passarem. A rua é estreita, é bom porque uma olha a casa para a outra.

- *Já teve problemas com assalto na rua?*

Já entraram, inclusive na minha casa. Como os quintais são baixos, e muito grudados, eles pulam de quintal em quintal. Entraram pela grade e pularam o muro (a casa desta moradora é junto à escadaria). No outro escadão, também já pularam o muro e entraram nos quintais.

- *A casa é alugada ou é casa própria?*

É casa própria.

- *Trabalha em que?*

Dona de casa.

- *Onde as crianças estudam?*

No Paulo Egydio. (descendo a Ararituaba, do lado direito) É bem pertinho.

- *Gosta do bairro?*

Gosto, eu sempre morei aqui na Vila Maria, desde pequena. Só quando eu casei que eu fui morar cinco anos no Pari, na Rua Silva Telles. Aí eu comprei esta casa e mudei para cá. Minha mãe mora no comecinho da rua (no número 37), então eu já morava aqui, já conhecia a rua. A rua Silva Telles é uma rua mais

movimentada, mais barulhenta, passa ônibus, caminhão. Aqui é mais sossegado, os carros que entram é ou do pessoal que mora ou que veio visitar.

- *Em termos de relações com as pessoas não dá nem para comparar?*

Lá eu não conhecia ninguém. Eu morava em apartamento, eu conhecia, de ver, as vizinhas do lados, mas amizade assim não tinha. Aqui tem, tem minha mãe. As crianças ficam soltas, sossegadas. Como o pessoal se conhece, qualquer coisa estranha já avisa todo mundo, ajuda, olha para ver o que é.

- *Como suas crianças vão para a escola? Quem leva?*

Minha mãe é quem leva. Meu filho estudava de manhã, era eu que levava. Eu ia até a esquina e ficava olhando, dali da ponta da vila dá para ver ele entrar na escola. Na volta, como já está escuro, a gente prefere ver eles saírem, pois essa descida da Ararituaba é movimentada. Mas ficando ali da esquina dá para ver.

- *Mas eles não vão com outras crianças aqui da rua?*

Tem outras crianças aqui da rua que estudam lá mas os meus não vão junto. Às vezes tem outras crianças que vêm e sobem junto, conforme o horário, muita gente sobe junto. Ou uma mãe leva quatro, cinco crianças, pois normalmente quem mora aqui estuda no Paulo Egydio, só quem estuda em escola particular, mas é difícil.

- *O que a senhora gosta de fazer no seu tempo livre?*

Gosto de sair, ir para o clube, ou para o litoral. Sair um pouco de casa.

- *A senhora estaria interessada em fazer uma entrevista em profundidade?*

O problema é tempo.

- *Tem alguma feira aqui perto?*

Bem perto não tem. Eu não faço feira, eu vou num Sacolão que tem ali em cima na biquinha. Quem não tem tempo durante a semana vai até a feira no sábado, na Ararituaba.

- *A casa da senhora já era assim, ou a senhora mudou alguma coisa depois que veio para cá?*

Não mudei nada, a casa já estava assim. -

- *Nós já viemos aqui uma vez e vimos que muitos mudam a fachada...*

É eles mudam bastante. Essa aqui ao lado demorou bastante, eles praticamente demoliram a casa e construíram outra. (ela esta falando da casa que nós entramos na primeira visita). Eu, do jeito que está é como eu comprei. O que modificou foi dentro.

- *A senhora que mora bem na esquina (do escadão), passa muita gente por aqui?*

Passa, porque tem firmas aqui atrás, algumas indústrias e o pessoal que trabalha normalmente corta caminho por aqui. Tem os que descem pela vila, mas muita gente corta caminho por aqui. O que a gente acha ruim dessa passagem é que tem duas favelas aqui atrás (Marcone e da Funerária) e eles passam por aqui, o caminho deles é por aqui. Isso deixa a gente mais preocupado, mas como eu disse, quando tem gente estranha a gente já fica de olho. Às vezes eles sentam na escadaria, tem que ficar de olho.

- *A senhora tem amizade mesmo com alguma família aqui? Amizade de entrar na casa?*

Eu não entro muito na casa das pessoas, eu tenho pouco tempo. Com a vizinha, Dona Angelina, a gente conhece bastante, com a Telma aqui de frente... Mas é de conversas fora da casa, o pouco tempo que a gente sai a gente conversa, elas vem me contar alguma coisa, pedir um livro. Amizade de entrar, conversar, ficar acho que é só na minha mãe. Durante a semana não muito, é um pouco puxado.

- *Quando tem um tempo livre, prefere sair de casa, e não ficar vendo televisão?*

Ficar o dia inteiro não, posso ficar até uma certa hora, o pessoal geralmente dorme mais, eu almoço, mas normalmente depois do almoço eu saio.

- *Sua mãe mora aqui há quanto tempo?*

Há vinte anos. Lá em cima, é o pessoal que mora mais tempo, de vinte anos para cima, apesar que a D. Angelina(minha vizinha) mora há mais tempo que minha mãe.

- *Tem alguma razão para o pessoal mais antigo morar lá em cima? (próximo da entrada)*

Não sei. Talvez eles tenham vontade de sair daqui. Eu tenho vontade de comprar uma outra casa mas por enquanto não deu. Aqui é bom pois é sossegado, você pode viajar tranqüila que sempre alguém olha. Mas as casas não tem quintal, e isso é ruim. Então as crianças têm que brincar na rua. Eu gostaria de ter uma casa maior, os cômodos também não são muito grandes. Pelo fato de segurança eu acho boa a rua, apesar de terem entrado.

- *A senhora acha ruim eles brincarem na rua?*

Não, lá na Silva Telles eles não poderiam sair. Aqui é tranqüilo. Eles brincam com outras crianças aqui, tem amizades, se conhecem da escola, eles brincam, desde pequenos eles se conhecem. Porque a maioria das casas aqui é própria, são poucas as casas que são alugadas.

Aqui o pessoal é legal, no Natal eles fecham a rua, põe mesas, passa convidando todo mundo, cada um leva um prato. Na Copa foi enfeitada a rua, foi feita uma arrecadação - bandeirinhas, pinturas etc - vieram até filmar, disseram que a nossa rua tinha sido uma das mais bonitas da Zona Norte. Até nas festas juninas costumávamos fazer, agora parou um pouco. Quem sempre organiza é a Cleide (casa onde tem uma parati cinza), ela que arrecada. Ela é moradora bastante antiga.

- *As pessoas estão colocando grades nas casas, a senhora acha isso necessário?*

Eu acho que sim. A minha tem, se eu saio durante o dia eu fico tranqüila, porque tem grade em tudo, não fui eu que coloquei, já tinha. Nas casas originais não tinham. O pessoal foi colocando depois, porque aqui a porta, a janela, é praticamente na rua, se passa uma pessoa e está aberto, a pessoa pode pular fácil. Com o tempo o pessoal foi vendo que havia a necessidade. Desde que eu moro aqui, que eu soube a única vez que houve alguma coisa foi essa vez que pularam aqui. Para a gente não é ladrão perigoso, que entra armado, é o pessoal da favela mesmo, levam pouca coisa (bojão de gás, tênis, roupas etc). Ladrão armado, desde que eu moro aqui eu nunca ouvi alguém falar que alguém assaltou com revólver na mão.

Carro aqui, não tem garagem, eles dormem na rua. Dá para vir à noite e escolher o modelo, o ano e levar. A maioria aqui tem alarme, já mexeram, levaram toca fitas mas carro em si acho que nunca. Tem um guarda aqui, um segurança que fica passando na redondeza. Eu não acho que ele ajuda muito pois ele apita aqui, depois apita lá em cima e se alguém quisesse levar, levava.

Depois que acontece isso, o pessoal está pensando em contratar alguém para ficar só aqui, já existiu um senhor que só ficava na rua. Arrecadava um pouco de cada um e o senhor ficava só aqui.

- *É fácil de uma pessoa conseguir colaboração das outras ou ela tem que ficar insistindo muito?*

Tem gente que logo aceita, mas tem alguns que não querem. Normalmente, a maioria colabora.

- *Não existe uma associação que seja permanente?*

Não, é na hora. Vê o que tem que fazer e um morador se põe na frente. Da Copa, normalmente é a Cleide. Da travessa para cá é ela, da travessa para lá tinha mais duas pessoas. Depende da iniciativa de um ou um grupo para fazer alguma coisa.

Regina Selma Festa - 35 anos

Moradora da casa 111

- *Há quanto tempo a senhora mora aqui?*

Há 13 anos, mais ou menos.

- *A senhora é de São Paulo mesmo?*

Não, eu sou do Paraná.

- *Com quem a senhora mora?*

Com meu marido e meus filhos. Três filhos.

- *Como é morar aqui? Relação com os vizinhos, é sossegado?*

É bom. A única queixa é que as pessoas se sentem incomodadas com o barulho, meu filho gosta de ouvir música (no momento da entrevista, seu filho ouvia música num volume relativamente alto). Mais tarde o pessoal acha ruim.

- *Mas o pessoal reclama, chega a falar com a senhora?*

Não, como a gente já sabe, a gente procura evitar. Durante o dia, tudo bem, mas durante a noite a gente procura evitar. A gente sabe que incomoda as pessoas. (a senhora pede para sua filha Tábata abaixar o som, estava num volume alto).

- *A casa é alugada ou é casa própria?*

É casa própria.

- *Trabalha em que?*

Dona de casa.

- *Onde as crianças estudam?*

No Paulo Egydio. Os dois pequenos, o mais velho já terminou o colegial. Ela (a filha) vai com o meu filho, às vezes eu levo, mas na maioria das vezes ela vai com ele mesmo. Às vezes vai com o pessoal da rua. Eles trazem as crianças para mim. A maioria daqui estuda lá, quase todos. Sempre na mesma escolinha.

A minha filha mais velha fez um ano de economia na faculdade em Santana, mas meu marido ficou desempregado e ela também, aí ela parou. Agora em agosto ela vai voltar, ela paga R\$ 165,00.

- *Gosta do bairro?*

Gosto muito da Vila Maria.

- *Sempre morou aqui neste bairro?*

Sempre aqui. Morei pouquíssimo tempo na Móoca, mas não conheço quase nada lá, foi logo que eu cheguei do Paraná.

- *Como é a diferença entre aqui e a Móoca?*

Para mim é diferente, a única coisa que eu lembro que era bom era que tinha um parque perto, dava para as crianças brincarem. E aqui não tem.

- *A senhora veio com quantos anos?*

Eu vim com 12 anos para cá.

A única queixa que eu tenho aqui da Vila Maria é que a gente não uma área de lazer para as crianças, não um clube da prefeitura, uma praça onde eles possam brincar, gastar energia. Fica tudo aqui na rua mesmo, chega de tarde, de noite que não teve aula, você vem aqui e fica cheio de criança, a criançada fica solta, brincando.

- *Por outro lado é bom, pois eles estão sempre à vista...*

Isso é verdade. Mas seria bom ter um lugar para eles brincarem com balanço, esse tipo de coisa. Lugar para jogar bola, quadras. Infelizmente não tem.

- *O que a senhora gosta de fazer no seu tempo livre?*

Gosto de ver TV, novelas, sair, fazer compras, ir no shopping, na igreja, eu vou muito na igreja. Quando eu tenho tempo livre, eu prefiro sair de casa, passear.

- *E a senhora acha seguro?*

Nunca me aconteceu nada, nunca fui assaltada, minha casa nunca foi roubada. Eu não tenho aquele medo que todo mundo tem. Eu não sei se é por que aqui onde a gente mora é muito difícil de acontecer algo, a gente viaja, deixa a casa, volta e está tudo bem.

- *Tem um tipo de confiança nas outras pessoas?*

Sim, aqui você dá um gritinho e tudo mundo vem ajudar, ver o que está acontecendo. E nos outros lugares não, você pode gritar que ninguém aparece. Aqui, você deu um grito, todo mundo sai para fora.

- *Aqui, a gente vê que muitas famílias em que a mãe mora aqui na mesma rua... Isso dá um jeito meio familiar. A senhora conhece muita gente assim? Tem amizade de entrar na casa?*

Tem sim. Conheço quase todo mundo, eu moro aqui há muito tempo então eu tenho muita amizade. Mas dificilmente a gente entra nas outras casas, é amizade de muitos anos mas a gente não é de ficar entrando, se tiver de conversar é aqui fora, como eu estou conversando aqui com vocês. Mas de um ir na casa do outro é difícil.

- *A senhora sabe explicar porque isso ocorre?*

É costume. Eu acho que quando você está muito tempo na casa dos outros não dá muito certo, é melhor manter essa separação.

- *Sempre existe esse tipo de comemoração, tipo a pintura da rua na Copa?*

Sempre, sempre. Comemoração de Copa, Natal, festa junina. Agora parou um pouco. O pessoal se reuni (um carro está estacionando no momento da entrevista, os carros são estacionados na calçada) o problema aqui é o carro. Época de festa junina... tem sempre uma pessoa que gosta de organizar (ela

cumprimenta o vizinho que acabou de estacionar o carro) e aí todo mundo dava uma quantia, ajudava de alguma forma. E fazia uma festinha para todo mundo com balão, queima de fogos.

- *Todo mundo participa?*

É, dançam, se vestem. Agora deu uma paradinha, o pessoal anda meio desanimado. Tem todo esse trabalhão e ainda tem gente que reclama. Faz uns dois ou três anos que a gente não faz mais. tem uns que colaboram, outros que não. E ainda tem reclamação. O pessoal parou de fazer, de organizar as festinhas. Mas era gostoso. No natal, fazia amigo secreto. Aqui na rua mesmo, cobria, cada um levava um pratinho e fazia a festa. Fecha a rua, na época da copa fechamos a rua, ficou todo mundo pulando carnaval. Aqui é bom por causa disso.

- *No Paraná a senhora morava em cidade do interior?*

É interior, uma cidade bem pequena. Araruna.

- *E a senhora sentiu muita diferença quando veio para São Paulo?*

Senti sim. Porque lá não tinha nada.

- *Mas a relação com as pessoas é diferente?*

Não. Eu acho bem legal aqui também. Porque no interior as pessoas também se conhecem, se falam. Só que lá uma vai na casa da outra. Aqui as pessoas já evitam mais, não tem muita amizade de ficar dentro da casa da outra. É gostoso aqui, eu gosto daqui. Eu gosto do interior também, eu falo para o meu marido que eu quero ir embora para o interior. Eu estou cansada já da cidade grande. Você sai daqui e vai andar por aí é uma loucura, muita gente nas ruas, muito carro. Só aqui que a gente fica protegido. Dá medo, a gente que não tem costume fica com medo. Pouco sai de casa, só anda por aqui mesmo no bairro, quando você vai para a cidade ou algum lugar assim, você parece uma caipira mesmo. Você fica com medo de todo mundo.

- *Cada vez mais as pessoas se fecham na cidade grande..*

É o medo que faz isso acontecer.

- *Algumas casas aqui estão pondo grades, se protegendo...*

Nossa, os ladrões estão soltos e a gente que está preso, não é verdade. Aqui, por enquanto não é tanto mas a gente sabe de muitos casos. Meu filho gosta muito de usar bonés importados, e já roubaram três bonés dele. Mas só esse tipo de coisa, isso aí faz com que a gente tenha muito medo, de andar por aí, soltar as crianças.

- *Mas aqui na rua, no bairro, a gente vê as pessoas deixarem tudo aberto...*

Aqui não tem muito problema. Faz uns três meses que pegaram uns ladrões, mas desses pé de chinelo, pegaram só uma bicicletas. Foi de madrugada, escutaram aí foi o maior rebu aqui na rua. De dia não tem problema, todo mundo

olha. O pessoal fica com a porta aberta. Meu filho deixou uma vez a casa toda aberta, a televisão ligada, a tarde toda e não aconteceu nada. Não entrou ninguém, se fosse em outro lugar isso teria acontecido? Eu já dormi com a porta aberta. Eu não fechava a porta dos fundos e agora eu já fecho. Só o fato de você acordar com uma pessoa mexendo, já dá medo.

As casas são geminadas e os quintais são muito próximos. Eu aumentei, fiz lavanderia, dá para pular da minha casa para as casas vizinhas. Por exemplo, quando a porta da vizinha bate e a chave ficou dentro, meu filho pula para abrir para ela - se é ladrão vai fazer a mesma coisa. Mas aqui é muito difícil, já houve casos mas poucos.

- *As pessoas que você mais conhece aqui são seus vizinhos mais próximos ou é todo o pessoal da rua?*

Tem de lá também. Eu me dou com todo mundo, só que eu converso mais, bato mais papo é o pessoal daqui mesmo. De lá a gente cumprimenta, bate um papinho. O pessoal daqui a gente tem uma turminha que toda semana a gente vai à igreja, no grupo de oração, se combina de ir a uma outra igreja a gente vai junto. É gostoso, é bom aqui, a gente não se sente sozinha.

- *Dá para ouvir as coisas das outras casas, barulhos?*

Às vezes dá. A noite, que tá muito silêncio, eu escuto se minha vizinha está subindo as escadas de sapato dá para ouvir. O relógio. Mas não chega a incomodar.

- *Você sente falta de privacidade, preferia que fosse mais separadas as casas?*

Eu gostaria que tivesse um quintal. Se eu faço uma festinha, um churrasco, coisa que eu nem faço, eu gostaria de convidar meus irmãos, meus compadres. Quando o pessoal se reúne e sai aquele barulhão, então eu já evito esse tipo de coisa que é para não incomodar as pessoas. Quase não faço.

A única coisa que acho ruim aqui é isso, gostaria de ter um quintal e que as casas não fossem tão juntinhas.

Luiza Finati - 49 anos
Moradora da casa 218

- *Há quanto tempo a senhora mora aqui?*

Há 9 anos.

- *Veio da onde?*

Da Vila Guilherme. Eu sou de São José do Rio Preto. Para São Paulo eu vim com uns 10 anos, antes de vir para cá, eu morei no Paraná (cidade de Astorga, cidade de Chitãozinho e Xororó).

- *A senhora mora com quem?*

Com a minha irmã.

- *Como é morar aqui nesta rua? As relações com os vizinhos?*

Aqui é ótimo morar. Pode ficar aqui na rua, não tem assalto, não tem perigo de nada. Nós temos um guarda que cuida da gente, é tranquilo. As crianças podem brincar o tempo todo na rua.

- *A casa é alugada ou é própria?*

É alugada.

- *A senhora trabalha em que?*

Dona de casa. Já é muito, eu sentei aqui um pouquinho para descansar porque o que tem de serviço.

- *A senhora gosta deste bairro, a Vila Maria?*

Eu gosto. Tem tudo aqui perto.

- *Sente muita diferença da Vila Guilherme e daqui?*

A Vila Guilherme tem enchente, aqui não tem.

- *Nos outros lugares que a senhora morou, como era a relação com as pessoas? A senhora tinha mais liberdade para conversar?*

Eu acho que no interior as pessoas são mais amigas. Aqui nesta rua é a mesma coisa que se fosse no interior. Todo mundo é conhecido.

- *A senhora tem bastantes amizades aqui na rua? De freqüentar a casa ou não?*

De freqüentar a casa não. É mais normal ficar sentada aqui fora conversando.

- *O que a senhora gosta de fazer no seu tempo livre?*

Gosto de ir ao shopping, não gosto muito de ficar em casa quando tempo livre. Gosto de ver televisão, escuto rádio o dia inteiro.

- *A senhora conhece muita gente aqui no bairro?*

Conheço mais aqui na rua, praticamente todo mundo. No bairro, muito pouco.

- *A senhora costuma fazer compras no sacolão ou vai à feira? As mulheres aqui da rua vão juntas ou a senhora vai sozinha?*

Eu vou sozinha. Se uma vai de carro, todas vão com essa. Se é a outra que vai de carro, todas vão juntas. Sempre tem uma carona. Só às vezes eu vou com elas, porque tem uma feira aqui pertinho. É mais fácil ir à feira, de sábado.

- *Essas figuras no chão (referindo-se às pinturas da copa), tem sempre festas organizadas aqui?*

Tem. Tem as festas juninas, faz vaquinha, a gente monta um monte de barracas. É bom.

- *A senhora gostaria de mudar daqui?*

No momento não. Nem para ir para o interior, porque aqui é seguro. Para duas pessoas só é bom, a gente pode viajar que os vizinhos olham.

- *Algumas casas estão mudando as casas (garagem, proteção). A senhora vê que existe essa necessidade?*

É bom, o carro fica na rua aí tem um pouco de privacidade. Aqui tem casas enormes, você olha e acha que as casas são tudo do mesmo tamanho mas não são, as pessoas fazem o que querem lá para trás. As casas são cumpridas.

- *Ao mesmo tempo que vocês têm uma certa liberdade com as pessoas da rua é bom ter uma privacidade?*

Principalmente o carro que fica aqui fora, no sol, na chuva.

- *A amizade com as pessoas é mais com as vizinhas mais próximas ou é todo mundo da rua?*

Mais aqui próximas. Eu conheço gente lá de cima mas é mais aqui perto mesmo. Quando todo mundo termina o serviço, sai, fica aqui nas calçadas conversando, até chegar a hora do jantar. Na hora do jantar sai todo mundo correndo.

Eu morava num apartamento na Vila Guilherme que eu tinha amizade com todo mundo. A gente fazia festinha e tudo.

Na zona sul que acabou esse relacionamento entre as pessoas, lá ninguém conversa com ninguém. Lá é fogo.

Cláudio - 37 anos
Morador da casa 175

- *Há quanto tempo o senhor mora nesta rua?*

Há dois meses.

- *Veio de onde?*

Bairro do Limão. Sempre morei aqui em São Paulo.

- *Mora com quem?*

Com minha esposa e meus filhos. Quatro filhos.

- *Como é morar aqui nesta rua, apesar do senhor ter acabado de mudar?*
Como foi recepcionado?

Eu já morei 22 anos aqui. Nesta casa mesmo. Eu casei, morei 10 anos fora e agora eu mudei para cá de novo.

É gostosa a rua. É muita gente morando num lugar só mas como eu já estava acostumado então pata mim é bom, eu já conheço todo mundo. Foi como se fosse uma volta.

- *Como é a relação como os vizinhos? Eles são legais?*

Olha, como em todo lugar tem os legais e os não legais. Mas a maioria é normal, não tenho grandes problemas aqui.

- *A casa é própria ou alugada?*

A casa é dos meus pais.

- *O senhor trabalha em que?*

Corretor de imóveis.

- *As crianças estudam onde?*

Estudam no Horário Lfe. Aqui na rua Dias da Silva.

- *A maioria das crianças aqui estudam no Paulo Egydio...*

Eu queria colocá-los aí mas depois não deu certo ficaram lá mesmo.

- *É muito longe daqui?*

Não, são três quarteirões. Eles vão a pé. De manhã, às vezes eles estão atrasados, aí eu levo, mas eles voltam sozinhos.

- *O senhor gosta deste bairro?*

Gosto.

- *Sente muita diferença do Bairro do Limão para cá? Qual é melhor?*

Sim, aqui é melhor. Lá é um bairro novo então não tem nada, você não acha nada naquele bairro. Tudo que você quer você tem que ir para a Lapa, para Santana. Já aqui tem tudo, você acha tudo. Todos os bancos que você procurar tem aqui, aqui tem mais bancos do que na 15 de novembro. Só não tem Banco de Boston e Citibank, o resto tem tudo.

- *O que o senhor gosta de fazer no seu tempo livre?*

Gosto de passear, gosto de pescar. Prefiro sair de casa. Depende das possibilidades. No momento não está dando muito para sair. Pouco assisto TV, tenho quatro filhos, tem uma nenezinha e não dá nem para sentar. O tempo todo correndo atrás deles.

- *Em termos de segurança, o senhor se sente seguro aqui? Muitas pessoas falaram que aqui todo mundo olha,...*

Essa é uma coisa que eu nunca me preocupei na minha vida. Nunca tive medo de ser assaltado, nunca tive medo de ser roubado e acho que é por isso que eu nunca fui. Não só aqui, lá onde eu morava os vizinhos eram assaltados e eu não. Acho que se você pensa muito na coisa acaba atraindo, tanto positivo quanto negativo.

- *Muitas casas mudaram a fachada, colocaram grades para se proteger. o senhor então não vê essa necessidade?*

Realmente, aqui é passagem. As crianças brincam, de vez em quando a gente dá uma olhada, não ficam até muito tarde. Brincam com as crianças da própria rua, sempre aqui perto. Nunca deixo eles irem muito longe.

- *O senhor costuma conversar com os vizinhos aqui na rua nos fins de semana, ou convida-os para entrar em casa?*

Claro, não é só aqui fora. Alguns sim, eu convido para tomar uma cervejinha aqui em casa.

Eu costumo preservar o relacionamento com as pessoas. Aqui nesta rua, até pela simplicidade do lugar, casas mais simples, talvez nem atraia muito ladrão. Até pela dificuldade de entrar na casa, tem que entrar pela frente. Uma casa é bem grudada na outra. Para entrar por trás é difícil pois o pessoal faz muro bem alto.

(Acho que a gente fosse vendedor de grade, de filtro de água... Ficou surpreso quando soube que era trabalho de faculdade)

Conceição Aparecida Fernandes - 39 anos

Moradora da casa 96

- *Há quanto tempo a senhora mora nesta rua?*

Há uns nove anos.

- *Veio de onde?*

Sempre morei aqui em São Paulo. Morava na Rua Dias da Silva, aqui na Vila Maria. Sempre morei aqui, nasci aqui.

- *A senhora gosta deste bairro?*

Gosto, já estou acostumada.

- *Mora com quem?*

Meu marido e dois filhos. Uma de 7 e o menino tem 15.

- *Como é morar aqui nesta rua? A relação com os vizinhos?*

É muito bom. Eles são muito amigos. Uma hora que você, você sai aqui e tem sempre um para te ajudar. Eu, pelo menos, não tenho inimizade com ninguém, eu não sou de ficar indo na casa de ninguém, então não posso falar que eu não gosto de ninguém, eu me dou bem com todo mundo.

- *Mas as amizades do tipo de conversar aqui fora, não de entrar em casa?*

São boas. Não de ficar entrando. São festeiras, quando tem qualquer evento - copa - a rua é pintada, a gente mesmo que pinta. Agora que acalmaram um pouco, antes tudo que era festa fazia tudo aqui na rua.

É uma amizade mais ampla, não de ficar tomando chá dentro da casa. É mais ficar aqui fora.

- *A casa é própria ou alugada?*

É casa própria

- *A senhora trabalha em que?*

Eu pinto, eu faço artesanato.

- *As crianças estudam onde?*

No Paulo Egydio, sempre estudaram lá.

- *A senhora gostaria de mudar daqui, do bairro? Nem para o interior?*

Não mudaria. Para passear eu gosto do interior mas para mudar não. Inclusive até aqui, a casa não é grande, elas são até meio pequenas mas para mim tá boa. É ruim que não tem garagem. Mas eu acho aqui um lugar tão seguro, a segurança de sair e sempre um vizinho olha. Tem pessoas que nem ligam, você nem conhece os vizinhos. Aqui não, você conhece praticamente todo mundo.

- *A senhora conversa mais com seus vizinhos mais próximos ou conhece o pessoal de lá da rua?*

Não, tenho amizades aqui, como tenho amizades com pessoas lá do fundo. Varia.

- *Quando a senhora vai fazer compras no sacolão, ou na feira, a senhora vai com outras pessoas ou não?*

Eu costumo fazer com meu marido de final de semana. Mas tem muita gente aqui que elas vão juntas, vão para o sacolão juntas, vão caminhar, até eu comecei a fazer, umas 7/8 mulheres aqui da rua.

- *O que a senhora gosta de fazer no seu tempo livre?*

Final de semana eu vou muito na casa da minha mãe. Aqui na Vila Maria, fica ela e minha vó que vai fazer 92 anos. Minha mãe é viúva, então moram as duas. Sábados e domingos eu vou para lá de manhã e só volto à noite. Às vezes eu vou ao shopping, dar uma volta. Sábado e domingo eu não fico aqui em casa. É difícil eu ficar aqui, mais por eu ir para a minha mãe, para não deixar elas almoçarem sozinhas, já ficam sozinhas a semana inteira. No fim de semana eu agito um pouco lá.

- *As suas crianças brincam aqui na rua? Com as outras crianças?*

Ficam. É bom porque elas têm umas amigadas da mesma idade, as brincadeiras são iguais (de escolinha). A minha menina geralmente fica brincando aí com as outras meninas.

- *A senhora sente falta de algum parque, um clube aqui perto?*

Era bom que tivesse porque agora elas estão mais crescidas e não tem perigo com carros. Mas quando eram menorzinhos é ruim ficar brincando na rua, tem movimento de carros, mais a tarde, de manhã é mais tranquilo. Mas se tivesse era bom, um parque pertinho.

- *A senhora sente falta de alguma coisa aqui?*

Não. Aqui é próximo da avenida (referindo-se à Guilherme Cotching), logo no começo da avenida já tem farmácia, supermercado. Não tem nada que falta.

- *A senhora acha que essa proximidade entre os vizinhos atrapalha a privacidade? Ou dentro de casa, fechando a porta, existe privacidade? Ou precisa ficar fazendo silêncio, tomar cuidado com o barulho?*

Dentro da minha casa, é cada um tem a sua. Não tem esse tipo de problema. Eu acho que aí vai da compreensão de cada pessoa, eu tive problema. Tanto que quando eu reformei minha casa, a vizinha nunca reclamou agora ela que está reformando então eu que não reclamo. Eu acho que vai muito da pessoa. Aqui tem gente que resmunga, mesmo as pessoas mais idosas que não gostam das crianças fazendo barulho, tem muita gente que não fica contente, mas eu acho que é a minoria, não a maioria.

- *Qual é a principal razão que a senhora reformou a sua casa? Tem casas que continuam mais ou menos originais e tem casas, como a da senhora, que reformou, tem uma fachada diferente.*

É porque quando eu vim para cá estava muito ruim. Então a gente precisou arrumar, mas não foi por motivos de segurança, foi por motivos estéticos mesmo.

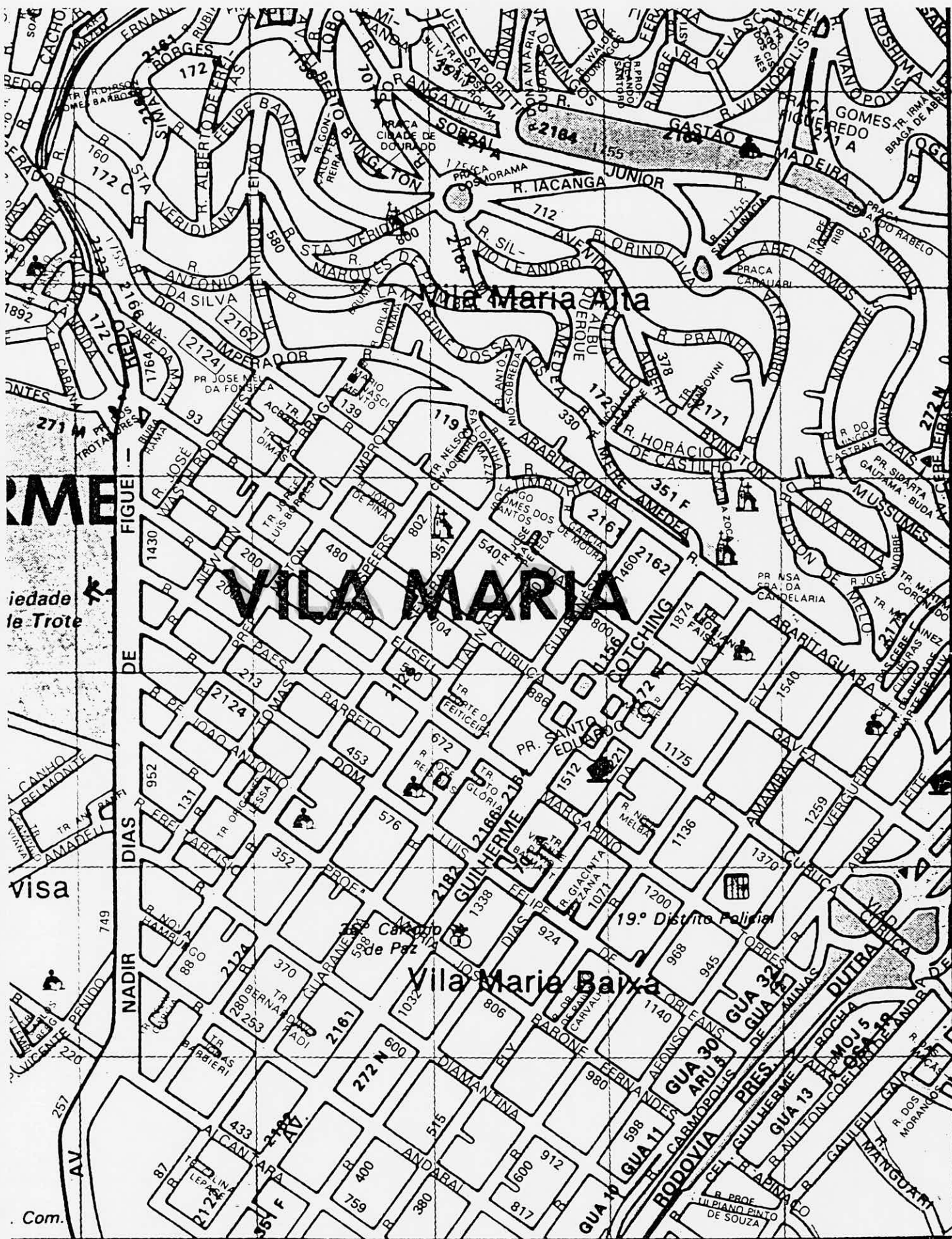
- *A senhora vê algum problema no fato daquela escadaria ser um local de passagem?*

Fazia muito tempo que não tinha nada. Começou a ter um roubos aqui, aí parou. A semana passada eu ouvi que tinham roubado um carro aqui na viela. Mas chegaram a roubar carro aqui, entrou ladrão por trás das casas. Como todo lugar. Entrou um ali e todo mundo já ficou sabendo, numa casa já agita todo mundo. É difícil, funciona como um alarme. Mas aquele escadão é perigoso sim. Porque às vezes a pessoa fica ali à noite. O fundo da minha casa dá numa firma que está desalugada, mas eu nunca tive problema de ladrão, nunca entrou ninguém.

- *Aqui tem muitos carros que param na calçadas, mas tem algumas casas que abre mão da sala para ter uma garagem. A senhora acha necessário? Será que a tendência é fazer isso, por segurança?*

Mas será que foi por segurança que ela fez isso? Não sei. Eu acho bom você ter um lugar para guardar o carro, mas eu tiraria a minha sala para isso. O carro fica aqui na porta.

É difícil achar um lugar assim, onde os vizinhos continuam a se conhecerem, a conversar. Lá onde minha mãe mora, eu nasci ali, então eu tenho amizades com os vizinhos ali. Eu fui criada de uma maneira assim, então você preserva isso. Ali mora minha prima, pertinho. A vizinha daqui é um amor, você não como reclamar, aquela pessoa que te agradece por tudo. Mora aqui faz tempo. Minha prima mora aqui deste construíram isso aqui. Aqui tem muita gente que mora aqui faz muito tempo, é quase todo mundo proprietário.



is distritos



n
j
m
o
p
q
r
s
t
v
x
z

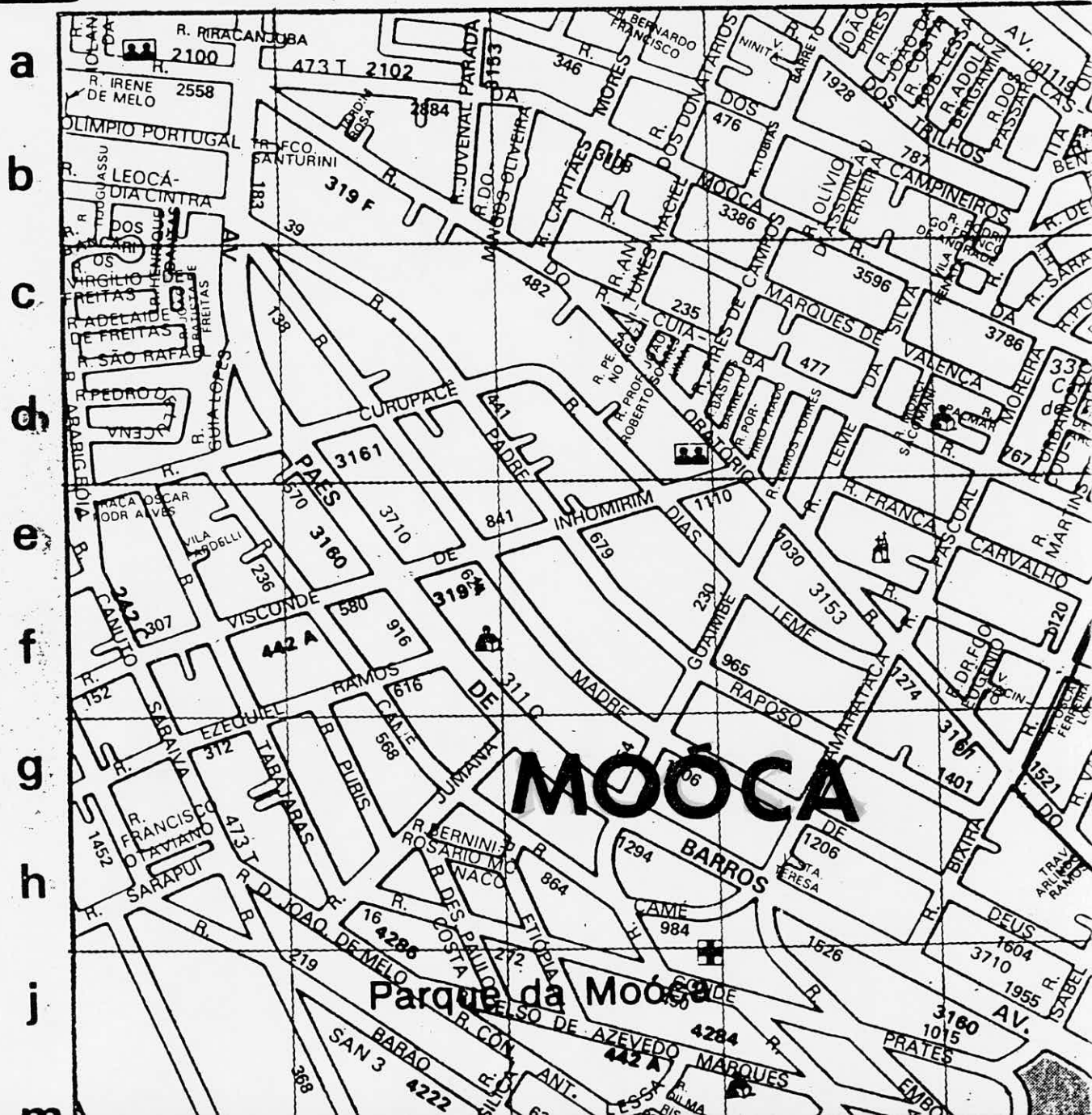
cm = 180 metros

124

0 100 200 300 400 500 600 700 800 900 1000 m



A B C D E F G **125** H J L



[illegible][illegible]

B C D E F G H J L M N O

